



5

UM RIO CORTA A MONTANHA

Nos primeiros tempos o mundo era plano. Adetutu imaginou-se caminhando naquela planura que não tinha fim. Nunca se cansaria: nenhuma colina para subir, nenhuma ladeira para superar. Perdida em seus pensamentos, ela avistou ao longe uma mulher que corria em sua direção. Adetutu ficou apreensiva. Com o olhar ansioso, procurou um lugar para se esconder. Não deu tempo; a mulher já estava quase ali.

A mulher passou por ela tão espavorida que nem notou sua presença. Era bonita, corpo cheio, seios grandes. Na cabeça, a coroa de rainha. Seu rastro era de água. De que estaria correndo?

Logo Adetutu teve a resposta. Um homem

se aproximava em perseguição à mulher. Era um rei, a coroa bem o demonstrava, certamente o esposo da fugitiva.

Adetutu se lembrou: um velho adivinho, ou babalaô, como se chamava o sacerdote do oráculo de Ifá, lhe contara essa história, a da fuga de Iemanjá perseguida por seu marido Oquê.

Iemanjá, a filha de Olocum, se casara com o rei Oquê sob certas condições. Iemanjá, mulher bonita, cheia de predicados, tinha seios muito grandes e proibiu o futuro marido e todos os que vivessem em sua casa de tocar nesse assunto. Era sua condição para se casar. Que não se falasse de seus seios, que haviam alimentado muitos filhos, orixás e humanos, que nutriram a vida em seu nascedouro, ela que era mãe dos deuses e mãe da humanidade.

Ele concordou plenamente, mas também impôs seus termos: Iemanjá não poderia fazer nenhuma referência aos seus testículos exuberantes. Também não falaria de sua

mania de beber demais, nem entraria nos aposentos em que ele guardava suas tralhas de caça.

O pacto foi feito. Esses eram seus tabus, suas proibições. Casaram-se. Iemanjá deixou o reino aquoso de sua mãe e foi viver no continente, no palácio de Oquê.

Um dia, Oquê voltou para casa embriagado, tropeçou em Iemanjá e vomitou no chão da sala. Iemanjá o reprimiu, chamando-o de bêbado imprestável.

Oquê perdeu o domínio das palavras e ofendeu Iemanjá com comentários grosseiros sobre os imensos seios dela. Iemanjá lembrou-o dos defeitos dele, de como sua genitália era exagerada. Entrou no quarto privativo dele e criticou a confusão que lá reinava.

Não havia reconciliação possível. Todos os tabus estavam quebrados. Oquê quis bater em Iemanjá, e ela fugiu.

Iemanjá correu em direção ao mar, para a casa de sua mãe. Oquê foi em seu encalço.

Na fuga Iemanjá caiu. Oquê se aproximava cada vez mais.

Adetutu presenciou a queda. Aconteceu tão perto que ela se perguntou se não deveria ajudar Iemanjá a se levantar. Não teve tempo.

Os seios de Iemanjá se avolumaram ainda mais, e deles brotaram dois riachos, que se juntaram e formaram um rio caudaloso. E o rio tomou o rumo do mar. Era Iemanjá, o rio, que corria para a casa da mãe.

Mas Oquê ultrapassou Iemanjá e imediatamente se interpôs no caminho do rio. Bem onde ele se postou, a terra começou a tremer e a se levantar. Uma montanha se formou, impedindo o rio de seguir seu curso. Era Oquê, a montanha, que tentava desesperadamente impedir a fuga de Iemanjá para o mar.

Iemanjá não se deu por vencida: gritou pedindo ajuda a seu filho Xangô.

Xangô veio em meio a uma tempestade socorrer a mãe. Anunciado pelo trovão, chegou envolto em fogo. Trazia em cada mão



um machado duplo, de duas lâminas, e com os machados lançava raios sobre Oquê.

À chegada de Xangô, Adetutu se atirou ao chão, se prosternando. Ele era seu orixá, seu deus, o princípio de sua vida e a razão de sua existência. Fora criada para ser sua sacerdotisa, e privilégio maior que aquele, estar ali junto a Xangô, não poderia existir. Diante de seus olhos maravilhados, Xangô, o orixá do trovão, vinha para praticar sua justiça.

Então, sob os raios e trovões de Xangô, a montanha se partiu em duas. Um desfiladeiro se formou entre as metades separadas, e Iemanjá, o rio, passou por ele sem dificuldade. Foi adiante e alcançou o mar. Com a ajuda de Xangô, Iemanjá chegou à casa de Olocum, sua mãe.

Mais tarde, muito mais tarde, Adetutu ouviria contar que Iemanjá, a senhora do grande rio, herdara da mãe o mar e tudo o que nele existe, e que agora era assim conhecida: Rainha do Mar, Senhora do Oceano.

A Terra nunca mais foi plana. Oquê proliferou por toda parte; as montanhas ajudaram a compor a geografia do mundo como ele é hoje: cordilheiras, serras, desfiladeiros profundos e vales acolhedores. Desde então muitos rios correm pelas planícies, procuram passagens estreitas entre montanhas, lançam-se finalmente ao mar, com o sentimento de alívio de quem, cansado do percurso, chega finalmente em casa.